

DISLEXIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DO NÍVEL INSTRUCIONAL DE PROFESSORES DE ESCOLAS PÚBLICAS DO ALTO SERTÃO PARAIBANO

Byanca Eugênia Duarte Silva¹

Emilia de Rodat Ribeiro Marques¹

Jayana Ramalho Ventura²

Maria Aparecida Ferreira Menezes Suassuna¹

Faculdade Santa Maria – FSM – Cajazeiras – Paraíba¹

Universidade Federal da Paraíba²

byanca_psi@outlook.com

Introdução

Segundo Myklebust e Johnson (apud ROTTA; OHLWILER; RIESGO, 2006), dislexia diz respeito a uma síndrome complexa de disfunções psiconeurológicas, como perturbações em orientação, tempo, linguagem, escrita, soletração, memória, percepção visual e auditiva, habilidades motoras e sensoriais associadas. Os mesmos autores classificaram a dislexia em auditiva e visual. A dislexia auditiva faz menção à dificuldade em discriminar sons, letras e palavras, histórias e instruções. A dislexia visual diz respeito à dificuldade de reconhecer as letras e palavras, muitas vezes confundindo-as.

Segundo Kaplan, Sadock e Grebb (1997), a etiologia da dislexia pode ser pelo aspecto genético, aquele advindo a partir do gene dos pais; pode ser adquirido, através de má formação ou disfunção neurológica; ou ainda multifatorial, através de ambos os aspectos. Evidencia-se aos 7 anos de idade e nos casos graves pode ser percebida aos 6 anos de idade, porém, quando o transtorno é compensado nas séries primárias com exímio ensino, pode apenas tornar notório aos 9 anos de idade.

Conforme a Associação Brasileira de Dislexia (ABD), afere-se que cerca de 5% a 17% da população mundial é dislética e no Brasil estima-se que de 5% a 10% da população tem dislexia.

De acordo com a Resolução CNE/CEB nº 2/2001, de 11 de setembro de 2001 – Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica – se faz direito a inclusão de disléticos como pessoas com necessidades educacionais especiais no ensino regular. Com isso, os docentes deveriam estar e/ou serem qualificados a lidar com o esse público de maneira que ajudasse a enfrentar os obstáculos a partir de estratégias e estímulos.

Segundo Wadlington e Wadlington (2004 apud MEDEIROS, 2006), as instituições escolares não consideram a dislexia como um fator significativo a ser trabalhado pela falta de condições em assistir o aluno dislético. Com isso, o diagnóstico da patologia tem menos probabilidade de ser feito e, conseqüentemente, as crianças tendem a entrar no quadro de fracasso escolar pela falta desenvolvimento nos estudos.

Diante do despreparo de alguns professores, a falta de elaboração de estratégias e estímulos adequados para o desenvolvimento do aluno dislético acarretam prejuízos tanto no âmbito escolar como na vida social devido aos estereótipos a que são submetidos. Como já coloca Wadlington e Wadlington (2004 apud MEDEIROS, 2006), os alunos disléticos expõem que a atitude dos docentes afeta diretamente o desenvolvimento positivo na escola como a forma de como veem a sei próprio.

Segundo Kaplan, Sadock e Grebb (1997), a grande parte das crianças com transtorno de leitura sente-se vergonhosa e humilhada por seus consecutivos fracassos e frustrações por não receberem uma educação reparadora e esses sentimentos tendem a aumentar com o tempo. “Essas crianças estão entre aquelas mais propensas a serem acusadas de baixa motivação” (SMITH; STRICK, 2012, p. 55).

Devido à escassez de pesquisas que abordem a dislexia, o presente trabalho se faz relevante levando em consideração que a dislexia é um transtorno de aprendizagem



e precisa ser melhor compreendido. Com isso, esta produção visa avaliar o conhecimento sobre dislexia dos docentes do Ensino Fundamental I do Alto Sertão Paraibano, pois o profissional do 1º seguimento é, geralmente, um dos primeiros a perceber as dificuldades de leitura e escrita da criança por estar na etapa de alfabetização.

Metodologia

Utilizou-se a abordagem exploratória, que, de acordo com Gil (2011), tem finalidade de desenvolver e esclarecer ideias proporcionando uma visão geral acerca de determinado fato, e o delineamento de caráter de levantamento, o qual Gil (2008) coloca como uma solicitação de informações a um grupo de pessoas a respeito de um tema estudado para, por meio da análise quantitativa, obter as conclusões equivalente aos dados coletados.

A análise foi feita qualitativamente e quantitativamente com a utilização da escala para professores sobre dislexia de Medeiros (2006), que contém 20 questões fechadas sobre a dislexia, tendo cada uma 4 possibilidades de respostas: (1) falso; (2) provavelmente falso; (3) provavelmente verdadeiro; (4) verdadeiro.

Para a análise dos dados, foi utilizado o programa estatístico *Statistical Package for Sciences* (SPSS). A aplicabilidade se deu em cada instituição de ensino de modo não probabilístico, especificamente por conveniência, onde participaram da pesquisa 20 docentes do 1º segmento do Ensino Básico, que lecionam nas escolas do município de Santa Helena – PB.

Análise dos resultados

Com a análise dos dados dos 20 docentes das quatro escolas, foi identificado que 35% estão no magistério há menos de 5 anos, 35% estão no magistério entre 5 e 10 anos e 30% estão a mais de dez anos exercendo a docência.

A escala usada como instrumento de pesquisa mensura o nível de conhecimento sobre a dislexia, em que as 20 questões contidas no mesmo apresenta aspectos importantes que o professor deveria ter conhecimento. A primeira delas diz que a dislexia é uma dificuldade de aprendizagem que afeta a capacidade de compreensão de atividades relacionadas à leitura. As respostas obtidas foram: 10% provavelmente falso, 15% provavelmente verdadeiro e 75% verdadeiro, compreendendo que, segundo Kaplan, Sadock e Grebb (1997), o transtorno da leitura é definido por uma dificuldade em reconhecer palavras e a compreensão da leitura é fraca.

A segunda questão diz que alunos disléxicos apresentam déficits de inteligência (deficiência intelectual), 40% dos docentes estão corretos em acreditar ser falso, pois o transtorno apenas limita a leitura e sua compreensão, mas não evidência uma deficiência intelectual; 30% provavelmente falso, 25% provavelmente verdadeiro e 5% acredita ser verdadeiro. Segundo Rotta, Ohlwiler e Riesgo (2006), a dislexia caracteriza-se pela má estruturação cerebral e não um retardo da mesma, sendo de origem genética e/ou adquirida.

A terceira diz que a dislexia não interfere no rendimento escolar: 55% creditam ser falso, 10% provavelmente falso, 15% provavelmente verdadeiro e 20% verdadeiro. A maioria das crianças disléxicas, segundo Kaplan, Sadock e Riesgo (1997), evita ler pelos sucessivos fracassos, resultando em um baixo rendimento escolar, pericialmente quando a educação em sala de aula não é remediadora.

A quarta questão diz que a dislexia pode causar problemas emocionais, sociais e familiares e as respostas obtidas foram: 5% dos docentes acreditam ser falso, 10% provavelmente falso, 45% provavelmente verdadeiro e 40% verdadeiro. Smith e Strick (2012) colocam que o desenvolvimento social também é afetado pelo déficit, as pessoas

tem medo de se expor e se tornam reservadas e tímidas e tem dificuldade de fazer amizade.

A quinta questão coloca que a dislexia é um fator hereditário: 20% dos professores acreditam ser falso, 20% provavelmente falso, 25% provavelmente verdadeiro e 35% verdadeiro. Segundo Rotta, Ohlwiler e Riesgo (2006), a etiologia da dislexia está ligada tanto aos fatores genéticos como adquiridos.

A sexta questão diz que a dislexia deve ser tratada com medicamentos prescritos por um neurologista ou psiquiatra: 25% dos docentes marcaram falso, 30% provavelmente verdadeiro e 45% acreditam que o disléxico deve ser tratado com medicamentos por neurologista e/ou psiquiatra, porém esta não é a afirmativa correta. Rotta, Ohlwiler e Riesgo (2006) asseguram que o tratamento deve ter o enfoque na reeducação educacional, abordando todos os aspectos envolvidos.

A sétima questão traz que alunos disléxicos podem ser superdotados: 35% acredita ser falso, 15% provavelmente falso, 30% provavelmente verdadeiro e 20% acredita ser verdadeiro. Segundo Lima (2008 apud TAUCEI; TANIA; GABARDO, 2013), a dislexia não impede o aprendizado e alguns disléxicos podem possuir alto potencial em áreas específicas, como música, desenho, esporte, mecânica, construção e outros (MARTINS, 2001 apud TAUCEI; TANIA; GABARDO, 2013).

A oitava questão diz que a causa da dislexia é a baixa instrução familiar: 80% acredita ser falso, 5% provavelmente falso e 15% provavelmente verdadeiro. Como já citado por Rotta, Ohlweiler e Riesgo (2006), a etiologia da dislexia vem de aspectos genéticos e/ou adquiridos e não pela baixa instrução familiar.

A nona questão coloca que as atividades multissensoriais são importantes para desenvolver a aprendizagem em alunos com dislexia, 15% acreditam ser falso, 10% provavelmente verdadeiro e 75% verdadeiro. As atividades multissensoriais podem ser ferramentas de estratégias utilizadas para reeducação educacional. “Recomenda-se uma

abordagem que empregue sistematicamente os diversos sentidos” (KAPLAN; SADOCK; GREBB, 1997, p. 972).

A décima questão diz que o cérebro de pessoas disléxicas é estruturalmente diferente do de pessoas não disléxicas: 30% dos docentes acreditam ser falso, 15% provavelmente falso, 35% provavelmente verdadeiro e 25% acreditam ser verdadeiro. Rotta, Ohlweiler e Riesgo (2006) afirmam que no cérebro de pessoas disléxicas há uma menor ativação de áreas relacionadas à leitura e maior ativação de outras áreas.

A décima primeira questão afirma que indivíduos disléxicos podem ser excelentes em cálculos, tecnologias, ciências, artes etc.: 30% acreditam ser falso, 10% provavelmente falso, 25% provavelmente verdadeiro e 35% verdadeiro, evidenciando o que foi citado por Martins (2001 apud TAUCEI; TANIA; GABARDO, 2013), que alguns disléxicos desenvolvem habilidades específicas como música, arte, desenho, esporte etc.

A décima segunda questão diz que um dia de capacitação já é o suficiente para o preparo docente para trabalhar com alunos com dislexia e as respostas obtidas foram: 80% dos docentes acreditam que um dia não é suficiente e 20% acreditam que seja provavelmente falso.

A décima terceira questão diz que não importa o tratamento oferecido, pessoas disléxicas sempre serão menos competentes que pessoas não disléxicas: 70% não acreditam na menor competência dos disléxicos se forem reeducados educacionalmente e 30% acreditam que seja provavelmente falso essa questão. Segundo o Portal da Educação (2013), a criança nunca deixará de ser disléxica, porém se estimulada poderá ter uma vida quase normal, aprendendo a ler e escrever como os não disléxicos.

A décima quarta questão diz que indivíduos disléxicos possuem um distúrbio de consciência fonética: 20% acreditam ser falso, 10% provavelmente falso, 45% provavelmente verdadeiro e 25% acredita ser verdadeiro. “O déficit de habilidades em

consciência fonológica apresenta-se como um dos principais indicadores no diagnóstico de dislexia” (DEUSCHLE; CECHELLA, 2009, p. 199).

A décima quinta questão diz que é extremamente importante que os alunos disléxicos sejam identificados já no início da escolarização: 5% acreditam que seja falso, 15% provavelmente verdadeiro e 80% verdadeiro. Segundo Abreu (2004), é importante que nos primeiros anos de escolarização os pais e docentes procurem identificar traços de dislexia nas crianças para que elas sejam submetidas a um possível diagnóstico para entrar em tratamento.

A décima sexta questão diz que pessoas disléxicas apresentam dificuldade em reconhecer os caracteres alfabéticos que formam as palavras: 5% acreditam que seja falso, 50% provavelmente verdadeiro e 45% verdadeiro. “A dislexia é caracterizada pela dificuldade com a fluência correta na leitura e por dificuldade na habilidade de decodificação e soletração” (ABD, 2003).

A décima sétima questão coloca que alunos disléxicos apresentam muita dificuldade em interpretar textos simples, 5% dos docentes acreditam ser falso, 5% provavelmente falso, 40% provavelmente verdadeiro e 50% verdadeiro. Como já citado por Rotta, Ohlweiler e Riesgo (2006), isso acontece pela dificuldade de discriminação e memorização de sons e letras.

A décima oitava questão diz que alunos disléxicos por mais que se esforcem, produzem texto com vocabulário limitado e pouco compreensível: 15% acredita ser falso, 25% provavelmente falso, 40% provavelmente verdadeiro e 20% verdadeiro. Segundo Kaplan, Sadock e Grebb (1997), essas falhas acontecem pela fraca evocação e memorização de nomes e sons.

A décima nona questão diz que o professor pouco pode fazer para contribuir para aprendizagem do aluno com dislexia e as respostas obtidas foram: 60% acreditam ser falso, 35% provavelmente falso, 5% provavelmente verdadeiro. De acordo com o

Portal da Educação (2013), o professor trabalhando de maneira distinta com esse aluno amenizará a dificuldade de aprendizagem.

A vigésima e última questão diz que conhecer sobre distúrbios de aprendizagem, como dislexia, é fundamental ao trabalho docente: 100% dos docentes afirmaram que é verdadeiro. “O professor também é indispensável neste caminho, identificando, em um primeiro momento, e podendo compreender e auxiliar essas crianças e jovens em seu processo educativo” (MOUSINHO, 2003, p. 9).

Nove das vinte questões do questionário aplicado estão corretas, mais precisamente as questões 01, 03, 08, 09, 12, 13, 15, 19 e 20, as quais referem-se, em sua maioria, às características superficiais da dislexia. Muitos professores relataram que pouco se sabia sobre o tema pesquisado e alguns docentes não sabiam do que se tratava, respondeu de acordo com o censo comum ou como imaginavam o que seria a dislexia.

Conclusão

O objetivo desta pesquisa foi verificar o nível de instrução dos professores da rede pública do município de Santa Helena/PB sobre a dislexia. Conclui-se, a partir da análise dos dados, que o conhecimento dos professores acerca do tema é escasso, tendo em vista que menos da metade das questões foram respondidas corretamente. As questões corretas referiam-se às características superficiais, o que ressalta a falta de conhecimento mais aprofundado dos docentes sobre a dislexia. Mesmo havendo uma legislação que garanta programas educacionais especiais a estes alunos na escola regular, geralmente o que se vê é a falta de preparação dos docentes diante da compreensão de tal temática.

É no período de escolarização que é evidenciado nas crianças os primeiros traços de dislexia, assim, o docente deve estar preparado para identificar os primeiros sinais e preparados para lidar com a dificuldade de aprendizagem dos alunos disléxicos.

Contudo, a preparação não acontece e esses alunos podem ser tachados de “não quer nada”, “não sabe de nada” e “incompetente”. Essa falta de preparação dos docentes e a rotulação dos alunos podem levá-los ao fracasso escolar, deixando-os à margem da escolarização e como provável consequência, a exclusão social.

Essa pesquisa se mostrou relevante por dois principais focos quanto ao conhecimento sobre o nível de instrução dos professores sobre a dislexia e também servir de alerta para que haja um aperfeiçoamento profissional por parte dos docentes a fim de garantir o direito dos alunos disléxicos em ter um sistema educativo que propicie de fato a inclusão educacional para todos.

Referências

ABREU, E. S. **A dislexia nas series iniciais do Ensino Fundamental: como identifica-las?** Rio de Janeiro, 2004.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA (ABD). **Dislexia**. Disponível em: <<http://www.dislexia.org.br/>>. Acesso em: 26 out. 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica**. Brasília: MEC; SEESP, 2001.

DEUSCHLE, V. P.; CECHELLA, C. O déficit em consciência fonológica e sua relação com a dislexia: diagnóstico e intervenção. **Rev. CEFAC**, v. 11, Supl. 2, p. 194-200, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

KAPLAN, H. I.; SADOCK, B. J.; GREBB, J. A. **Compêndio de Psiquiatria – Ciências do Comportamento e Psiquiatria Clínica**. 7. ed. Porto alegre: Artmed, 1997.

MEDEIROS, M. C. G. **O que os professores conhecem sobre dislexia e o transtorno de déficit de atenção/hiperatividade**. São José dos Campos: UNIVAP, 2006.

MOUSINHO, R. Conhecendo a dislexia. **Revista Sinpro**, ed. especial, p. 26-33, 2003.

PORTAL EDUCAÇÃO. **O professor e o trabalho com o aluno disléxico**. 2013. Disponível em: <<http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/26881/o-professor-e-o-trabalho-com-o-aluno-dislexico>>. Acesso em: 26 out. 2014.

ROTTA, N. T.; OHLWILER, L.; RIESGO, R. S. **Transtornos da aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SMITH, C.; STRICK, L. **Dificuldades de Aprendizagem de A – Z: guia completo para educadores e pais**. Porto Alegre: Penso, 2012.

TAUCEI, J. R.; TANIA, S.; GABARDO, C. V. Caminhos e descaminhos: a trajetória complexa do aluno com AH/SD e Dislexia na escola. **Cadernos de Educação**, p. 265-292, jan./abr. 2013.